

# **Ensinar e aprender em tempo de COVID-19: entre o caos e a redenção**



**José Matias Alves | Ilídia Cabral (Eds.)**

**Prefácio**

**João Costa**

**Mai 2020**

## **Ficha técnica**

**Título:** Ensinar e aprender em tempo de COVID 19: entre o caos e a redenção

**Organização e Edição:** José Matias Alves & Ilídia Cabral

**Prefácio:** João Costa

**Autores:** Adília Cruz, Alexandra Carneiro, Ana Luísa Melo, Ana Paula Silva, Anabela Macedo, Anabela Sousa, António Oliveira, Carla Baptista, Cristina Palmeirão, Diana Soares, Fernando Paulo Sousa, Hélder Martins, Ilídia Cabral, Irene Cortesão Costa, Isabel Lage, Joaquim Azevedo, Jorge Machado, Jorge Nascimento, José Matias Alves, Letícia Silva, Lídia Santos Sousa, Lília Silva, Luísa Pereira, Manuela Gama, Maria José Tavares, Marisa Carvalho, Paula Mota, Pedro Jesus, Raquel Duarte, Rogério Gonçalves, Rui Pedro, Sandra Lídia Rodrigues, Sofia Mendes, Sónia Soares Lopes, Vitor Alaiz.

**Paginação:** Francisco Martins

**Data:** maio de 2020

**Local de edição:** Porto

**Edição:** Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

**ISBN:** 978-989-54364-6-0

## 15. COVID e educação: da emergência às oportunidades

Joaquim Azevedo | [jazevedo@porto.ucp.pt](mailto:jazevedo@porto.ucp.pt)

Professor catedrático da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, Consultor do SAME

Estamos a viver um tempo inusitado, inesperado e imprevisível, que deixou também as escolas e o sistema escolar em apuros, sob um elevado stresse organizacional e profissional. A mudança é disruptiva, em vez de incremental, é reativa em vez de antecipatória, é imposta, em vez de desejada. Isto marca desde logo um tempo muito peculiar e sem precedentes. Um tempo que requer uma atenção redobrada. Neste contexto de emergência escolar, escolas, educadores, alunos e famílias tiveram de se adaptar muito rapidamente, o que em geral terá sido alcançado com sucesso (e muito trabalho e muitos danos).

As escolas e Agrupamentos que estavam comprometidos com processos de inovação e melhoria (PIM), por mais ousados que fossem os seus planos de ação, seguiam estratégias gradualistas e planificadas, dentro do modelo das inovações incrementais. De repente, vindo de fora e de modo inesperado, surge um fenómeno que provoca uma mudança disruptiva, inapelável, que apanha todos desprevenidos, mesmo os que eram mais ousados a percorrer o trilho da inovação e melhoria.

Como as escolas não estavam todas a fazer o mesmo nem se encontravam no mesmo ponto em termos de desenvolvimento de PIM, também agora se encontram em patamares bem diferentes de visionamento e de aproveitamento das oportunidades que eventualmente se abram com esta disrupção.

Há quem esteja a sair à rua e a proclamar que este é o tempo em que o paradigma escolar vai mudar! Não o creio. A “gramática escolar” não muda apenas porque o ensino a distância e por meios tecnológicos substitui temporariamente o ensino presencial. Nada de estrutural mudou, nestes três meses, no modelo moderno de educação escolar que herdámos do Século XVIII e XIX. Por isso, tal proclamação é insensata e ilusória e pode contribuir, mais uma vez, para nos retirar os pés do chão e afastar a cabeça do exercício de responsabilidades concretas. A começar por uma reflexão aturada sobre o que se está a passar, coisa para a qual ninguém parece ter tempo, tal é a torrente de

novas necessidades a que é preciso acorrer e de novas desigualdades que é preciso combater.

Claro que há portas que se entreabrem aqui e ali, que nos alimentam esperanças de melhor educação, de melhor ensino e aprendizagem e de mais desenvolvimento humano, e que por isso valerá muito a pena meter o pé e não as deixar fechar. Mas essas aberturas, se existem, é ao nível de cada escola e Agrupamento Escolar(AE) que estão a ocorrer, não ao nível político macro, pois a este nível nada de substancial mudou . E as oportunidades que se poderão abrir em cada escola e AE dependem das possibilidades e capacidades que aí existam para as identificar, analisar e aproveitar do melhor modo. Se as escolas em Portugal trabalhassem mais em rede, em dinâmicas de entreajuda, seria mais fácil ganharem o necessário balanço para aproveitarem as brechas e oportunidades que se estão a abrir. Sobretudo de modo sustentado, que é o único modo que pode conduzir as mudanças às melhorias. Mas apenas muito raramente se trabalha efetivamente em rede.

Mas devemos perguntar: que oportunidades é que se estão a abrir? Há algo de realmente novo que se esteja a passar, para além do facto de termos generalizado, de emergência, o ensino a distância? Não creio que haja algo de realmente novo (até as plataformas eletrónicas já eram usadas em muitas escolas), mas é verdade que estamos a assistir a algumas instabilidades e desequilíbrios no sistema escolar tradicional que podem gerar boas oportunidades a aproveitar para prosseguir ou iniciar processos de mudança e melhoria.

O desequilíbrio constitui um elemento central nos processos de mudança dentro de sistemas muito estáveis. E os desequilíbrios (e até as quedas) em que, de repente e sem planeamento prévio, estamos a ser forçados a trabalhar, ou seja, ensinar e aprender, a ser escola, podem revelar-se interessantes caminhos de mudança e melhoria, desde que seja possível reunir três condições elementares:

(i) que deles tenhamos consciência, identificando-os com rigor,

(ii) os saibamos pensar e incorporar nas práticas correntes das nossas escolas, o que tem de levar a refazer os percursos já previstos, as prioridades já identificadas e a própria organização escolar,

(iii) e saibamos reunir os recursos, os parceiros e os compromissos necessários para que não se volte atrás na primeira oportunidade de estabilização e reequilíbrio.

As rotinas instaladas nos sistemas sociais estáveis têm uma força terrível, que nem imaginamos quais sejam e os interstícios que preenchem, de tal modo elas condicionam o nosso próprio pensamento (a começar pelo modo como pensamos a escola e a própria inovação e melhoria). Assim, o aproveitamento do desequilíbrio em que sabemos que estamos a ser compelidos a trabalhar, ou seja, das sementes de mudança e melhoria do modelo escolar, não será imediato, nem automático e muito menos simples. Há todo um processo de reflexão-ação que é preciso organizar (urgentemente) em cada escola e AE e que passa pelo menos pelos três passos enunciados. Quem o fizer, poderá evoluir mais e melhor aproveitar as oportunidades.

Para começar o processo, anoto alguns dos desequilíbrios significativos, porque mais comuns e visíveis, e que são potencialmente geradores de PIM.

Aumentou a possibilidade de explorar e conciliar tempos e espaços de ensino e aprendizagem, até os horários afinal se podem reconfigurar sem os dramas anunciados; aumentou a percepção da relevância do trabalho autónomo dos alunos, bem como das possibilidades concretas de o promover; existe um foco momentâneo mais intenso em torno dos processos de aprendizagem e menos sobre a testagem das aprendizagens; construíram-se muitos novos materiais escolares de fomento de aprendizagens mais ativas por parte dos alunos e que se deveriam recolher, analisar e organizar; os educadores organizam melhor o tempo de aula (presencial, que é mais curto, em geral), com mais cuidado, com sequências melhor articuladas; a avaliação, não tão condicionada pela classificação, alarga-se em critérios e ferramentas e o feedback permanente cresce exponencialmente; paradoxalmente, a proximidade, a relação educativa e a personalização dos percursos de aprendizagem e de desenvolvimento podem ampliar-se num tempo de distanciamento social e abrir novos horizontes a alunos e a educadores (“descobri aquele meu aluno, está a revelar-se como eu nunca pensei vê-lo”); a participação das famílias rasga cenários construídos e abre cenas muito novas, positivas e negativas (como a educadora que diz: “os pais não me deixam prosseguir o trabalho de desenvolvimento da autonomia da criança”); as oportunidades de digitalização da educação também aumentaram e abrem-se horizontes de trabalho que se poderiam capitalizar, recorrendo à tecnologia, dentro e fora da sala de aula, usando manuais e outros recursos digitais; ampliou-se imenso o trabalho colaborativo

entre os educadores, pelo menos em alguns ciclos e algumas turmas, o que deve ser capitalizado.

A percepção de que é possível mudar e melhorar a educação, sem que isso represente necessariamente um cataclismo, constitui também uma aprendizagem muito relevante. A constatação de que a equidade corre sérios riscos e que as desigualdades estão a aumentar imenso obriga a ponderar com muito cuidado o aproveitamento das oportunidades que agora se entreabrem.

A escola é um ecossistema humano, sustentado em relações, onde se aprende a saber, a fazer, a estar juntos e a ser, não é apenas nem sobretudo um edifício cheio de salas, onde se aprende por turmas e onde cada professor ensina a todos como se fossem um só. De facto, aprende-se, como agora se pode mais do que nunca verificar, em variados contextos, em diferentes tempos e de variados modos e meios. Há uma nova ecologia da aprendizagem (e do ensino) que deveria ser pensada aprofundadamente, a começar pelos educadores e pelos alunos, e posteriormente projetada, abrindo novos e ampliando os já existentes PIM, em cada escola. Ninguém pode ser deixado para trás e só esta abordagem ecológica tem o potencial de integrar todos e promover cada um.

Todavia, nada do que se está a passar é fácil de pensar, integrar e projetar. Por isso, é preciso organizar as tarefas principais, constituir grupos de reflexão-ação e avaliação, reorientar os órgãos já existentes, partilhar e consensualizar processos e tempos, refazer os planos de contingência como trampolins para novos PIM, antecâmaras de mais e melhor educação. Educar é uma missão sempre inacabada e sempre (im)possível.

Urge meter bem o pé na porta entreaberta das oportunidades em gestação.